

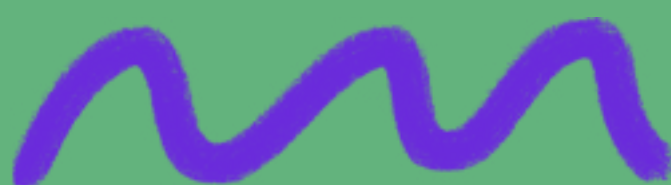


por uma >>>>>>>>>
EDUCAÇÃO
Antirracista

MATERIAL DE APOIO

por uma >>>>>>>>
EDUCAÇÃO
Antirracista

MATERIAL DE APOIO





SUMÁRIO

01 Sobre a Flow

02 Sobre a websérie

03 Frases dos realizadores e apoiadores

04 Introdução

4.1 Por que precisamos entender o começo da história

4.2 A história única

05 Branquitude

06 Qual é o papel do branco na luta antirracista?

07 Como construir uma escola antirracista?

08 Fontes



SOBRE A FLOW



A Flow Impact é uma distribuidora de filmes que acredita no poder transformador do audiovisual. Nós acreditamos que histórias inspiram. Acreditamos que filmes podem iniciar conversas complexas e necessárias. Acreditamos que ao nos conectarmos com uma história que se passa na tela nos envolvemos emocionalmente e somos transformados por ela.

Entretenimento que nutre a empatia, a resiliência, a sabedoria e a criatividade que precisamos para agir. Narrativas para acreditar e ampliar o olhar pessoal. A possibilidade e a coragem de sonhar de cada um. Ideias, iniciativas e trajetórias que elevam nossa confiança e esperança na experiência humana. Audazes, singulares, histórias, criativas, possíveis e visionárias.

Os filmes que distribuímos provocam afetos. E são os afetos que movem as pessoas para a construção de um mundo melhor. O nosso desejo é que ao terminar de ver um filme que trouxemos para o mundo você se sinta comprometido e engajado a levar essa história mais longe.

Sabemos que os filmes não mudam o mundo. Mas podem mudar as pessoas. E para que isso aconteça, a gente não pode andar sozinho. Precisamos de uma rede comprometida com a mudança que queremos ver no mundo. Nossos filmes oferecem perspectivas diferentes e necessárias, criam coalizões e parcerias que nunca existiram.

A Flow Impact também se compromete como empresa com a mudança da sociedade. Somos uma empresa do **Sistema B**, um movimento mundial que pensa a economia levando em conta o bem estar das pessoas, das sociedades e da Terra. Somos signatários dos Princípios de Empoderamento da Mulher, os **WEPS**, da ONU Mulheres. Fazemos parte do **Estratégias ODS**. E a Maria Farinha Filmes, produtora da série, é signatária do Pacto Global, a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, com ações alinhadas nas áreas de Direitos Humanos, Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção.

Queremos mobilizar todos e todas nessa jornada coletiva, sem deixar ninguém para trás, como é o lema dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas. A Agenda 2030 é um plano de ação global para pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Uma busca coletiva pela paz, liberdade, justiça, igualdade e sustentabilidade.

Vem com a gente!



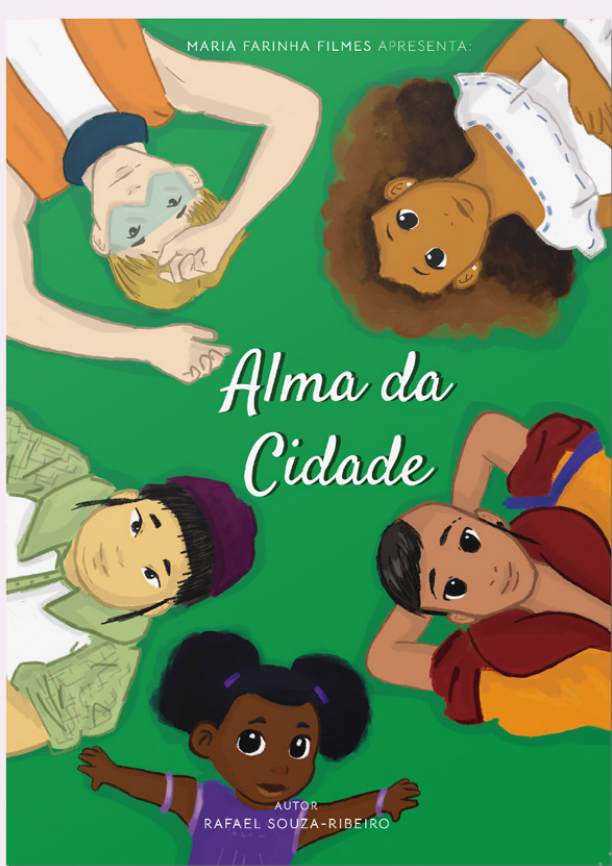
SOBRE A WEBSÉRIE:

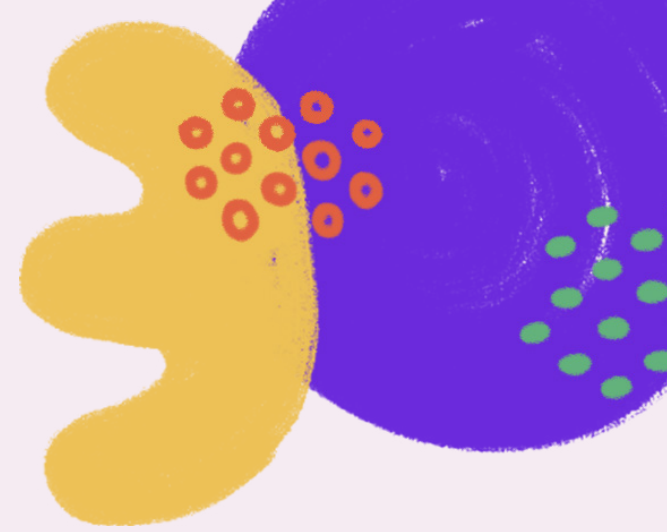


“**Por Uma Educação Antirracista**” convida jovens, adultos, idosos, indígenas, negros, orientais e brancos a se engajarem no tema para que ajudem a modificar as práticas educacionais que conhecemos até hoje. Uma idealização do [Alana](#), com apoio da [Imaginable Futures](#), produção da líder em entretenimento de impacto na América Latina, Maria Farinha Filmes, com direção e roteiro de Shirlene Paixão.

A minissérie trará ações desenvolvidas/inspiradas pelo trabalho de professores/facilitadores que subverteram o sistema e criaram novas metodologias, sob uma perspectiva antirracista, multicultural e em harmonia com a natureza. Com uma visão criativa, a minissérie apresenta, em cada um dos cinco episódios de oito minutos, uma família com personalidades que conversam sobre o tema, com apoio de especialistas como Ailton Krenak, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, entre outros.

A partir da leitura de livretos, desenvolvidos exclusivamente para a série e escrito por Rafael Souza-Ribeiro, as famílias de Samara Felippo, Aline Wirley, Luana Génot, Fatou N’Diaye e Márcia Kambéba, transformam essa realidade na prática, de uma forma divertida e inspiradora, com o apoio dos principais especialistas no assunto e que aprofundam a experiência do espectador, jogando luz nas práticas existentes em salas de aula de diversos cantos do Brasil. Ao final de cada episódio, os especialistas trazem dicas e práticas para a implementação de ações antirracistas nas escolas e em casa.





FICHA TÉCNICA:

Direção, Roteiro e Criação de Conteúdo: Shirlene Paixão

Produzido por: Ana Lúcia Villela, Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti

Montagem: Patrícia Castilho e Helô Kato

Produção Executiva: Flavia Doria, Geisa França e Mariana Oliva

Co-Produção Executiva: Mari Mecchi

Produtora Executiva de Desenvolvimento: Duda Porto de Souza

Coordenadora de Produção: Renata Romeu

Consultora de Narrativa: Tatiana Nascimento

Consultora de Educação: Raquel Franzim

Consultora Pedagógica: Clélia Rosa

Consultoria Indígena: Michael Baré Tikuna

Coordenação de pós-produção: Cinthia Imamura

Ilustrações: Jéssica R Goes

ODS:

A websérie Por Uma Educação Antirracista trabalha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável:



04 - Educação de qualidade



10 - Redução das desigualdades



11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis



16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes

UMA APRESENTAÇÃO



PRODUÇÃO



DISTRIBUIÇÃO



APOIO



EM COOPERAÇÃO



ONDE ASSISTIR:



FRASES DOS REALIZADORES E APOIADORES:

INSTITUTO ALANA:

“Dos muitos desafios sociais urgentes do nosso tempo, o combate ao racismo e os seus efeitos negativos na vida das crianças e de toda sociedade é estruturante. Na educação, os efeitos do racismo implica na garantia plena do direito à educação não apenas no acesso, mas sobretudo na permanência de qualidade e na progressão nos estudos. Para tanto, é preciso uma transformação na cultura escolar, começando no chão de cada escola e nas relações entre estudantes, suas famílias e professores. Por isso, para nós do Instituto Alana, nos move a transformação dos sistemas escolares em ambientes inclusivos e antirracistas e entendemos que a produção audiovisual é uma importante ferramenta para isso. Por uma educação antirracista convida e apoia a todos, independente de seu grupo étnico-racial, a se reconhecer como responsável e necessário nesta grande mudança na direção de uma educação plural, com o chamado estético e ético que apenas o cinema pode reunir e nos convocar.”

Raquel Franzim, diretora de Educação e Cultura da Infância do Instituto Alana



IMAGINABLE FUTURE:

“Acreditamos que o acesso igualitário, justo e imparcial ao aprendizado seja fundamental para que a formação de sociedades saudáveis, justas e prósperas. Cada indivíduo, independentemente de raça, origem, etnia, gênero, orientação sexual, religião, renda, saúde e aptidões deva ter acesso a oportunidades de aprendizado e para concretizar o futuro que imagina. Ao trabalharmos com parceiros, como Maria Farinha Filmes e Alana, esperamos dar prosseguimento ao trabalho de desmantelamento das barreiras sistêmicas e de criação conjunta de soluções voltadas para os alunos e suas famílias, de modo que possam construir um futuro próspero”



UNESCO:

“A luta contra a o racismo é pauta central das ações da UNESCO desde a sua fundação, em 1945, tendo como marcas a liderança na produção de referenciais normativos fundamentais, tais como Convenções e Declarações Internacionais, além do protagonismo em programas, projetos e políticas direcionados ao enfrentamento de diferentes formas de discriminação e racismo. Projetos como a “Rota do escravo: Resistência, Liberdade, Patrimônio” e a coleção “História Geral da África” são exemplos concretos desse compromisso histórico. A essas ações se somam, no Brasil, iniciativas que ajudaram, ainda nos anos 1950, na desconstrução do mito da democracia racial e que se multiplicaram ao longo das últimas décadas. Entre as áreas de atuação da UNESCO em que essa agenda se expressa com mais vigor está a educação para as relações étnico-raciais, que traz consigo a promessa e a esperança de contribuir efetivamente para a superação do racismo estrutural que marca a sociedade brasileira.

São justamente essa trajetória e esse compromisso institucional que nos fazem receber, com entusiasmo, essa webserie do Instituto Alana que tem como foco a educação antirracista. Nela vemos presente, com apuro técnico e estético, temas como ancestralidade, pertencimento, representatividade e identidade que, certamente, contribuirão para o fortalecimento de políticas, programas e projetos de educação antirracista empreendidos por governos, escolas, movimentos sociais, organismos internacionais, organizações da sociedade civil, entidades públicas e privadas. Tal iniciativa, portanto, tem o potencial de contribuir com um esforço cada vez mais plural de construção de propostas de sociedade onde o racismo não tenha lugar, voz e vez.”



INTRODUÇÃO:

Como as escolas e as famílias podem se engajar por uma educação antirracista? Antes de qualquer ação, é preciso um passo anterior. Por isso vamos começar a conversa falando sobre o que é o racismo. Entender o problema para depois pensar em como combatê-lo.

Em 2020 foi feita uma **pesquisa** sobre racismo no Brasil. Cerca de 81% da população respondeu que acredita que existe preconceito contra negros no país. Mas apenas 34% dos entrevistados assumiram ter preconceitos raciais. A pesquisa é interessante por mostrar que a maioria dos brasileiros enxerga o racismo, mas a minoria se enxerga como racista.

Se eu disser que somos todos racistas, como você vai reagir?

Não é fácil assumir que somos frutos de uma construção social que beneficiou brancos em detrimento de negros e indígenas. E que isso está tão permeado na sociedade que é impossível dizer que não somos racistas.

Por isso que é tão importante ouvirmos a ativista e filósofa Angela Davis quando ela diz: “Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. Dizer que não é racista não significa nada, se não vier acompanhado de ações contra o racismo.

O antirracismo é uma atitude prática, que nasce da consciência do racismo. A consciência acontece em diferentes formas e momentos para as pessoas. Para as pessoas negras e indígenas o racismo se faz presente desde antes do nascimento. As mulheres negras e não-brancas sofrem mais violência obstétrica, recebem menos anestesia na hora do parto. As injustiças e opressões contra os corpos e sujeitos negros acumulam absurdas estatísticas no Brasil.

Para as pessoas brancas essa consciência demora mais para chegar e, infelizmente, nem sempre chega. À diferença do tempo em que um grupo tem contato direto com o racismo enquanto o outro só percebe muito tempo depois, damos o nome de **Privilégio Branco**.

Entendemos que a luta antirracista precisa contar com todo mundo. Os negros e indígenas ocupando o lugar de protagonistas, por saberem na pele o que o racismo significa. E os brancos atuando como aliados.

Podemos contar com você?



POR QUE PRECISAMOS ENTENDER O COMEÇO DA HISTÓRIA:

Raça é uma construção social. E o que exatamente significa isso? Que biologicamente somos todos da raça Humana. A cor da pele, uma das nossas características, é determinada pela quantidade e tipo de pigmento melanina que temos. A variação entre os tons de pele, desde a tonalidade mais branca à mais retinta é controlada por cerca de 4 a 6 genes, entre os mais de 25 mil que nós temos. Isso deveria ser insignificante para nos diferenciar. Mas em algum momento da história da humanidade a cor da pele se tornou relevante. E isso aconteceu quando os europeus passaram a colonizar outros territórios.

A conquista de outras terras foi feita através de muitas violências e disputas. Interessava aos europeus construir uma ideia de hierarquia de saberes e de humanidade para justificar as atrocidades. O europeu enxergava a si mesmo como um sujeito universal, dotado de conhecimento, civilidade e humanidade. Quem era diferente deste ideal de universalidade, passava a ser visto, pelos olhos europeus, como algo menor. Selvagens, não civilizados, incultos, pagãos, objetos que não tinham alma: assim foram definidos os povos indígenas e africanos.

Foi sob o olhar (e opressão) do europeu que as diferentes nações indígenas (guarani, mawés, ianomâmis, mundurucus etc), com suas diversas cosmologias, formas de viver, relações com a natureza e com o outro foram reduzidas apenas à “índios”. E que os habitantes das muitas regiões africanas deixaram de serem vistos como zulus, mandinga, iorubá, bantu etc. e se tornaram “negros”. O “índio” e o negro, como um marcador da diferença entre as pessoas, foi uma categoria criada pelo homem branco europeu para homogeneizar e objetificar quem eles visavam oprimir e explorar.

“Após construírem socialmente o conceito de “raça” negra e de um continente africano homogeneizado, desnudo de diferenças tribais e étnicas e dotado de uma unicidade ímpar, cabia agora aos colonizadores europeus, para efeito de justificar sua dominação e exploração sobre os negros, atestarem “cientificamente” a inferioridade desta mesma “raça”. Artur Pires - [Revista Berro](#).



Muitos cientistas e pesquisadores se debruçaram sobre a ideia de uma hierarquia racial que justificasse a escravidão e outras opressões contra os povos africanos e indígenas. Esses estudos ficaram conhecidos como **eugenia** e tiveram forte adesão no Brasil, um racismo científico.

Para além da construção da raça, o Brasil também enfrenta outra questão concreta. O fim da escravidão em **13 de maio de 1888** não trouxe nenhuma reparação histórica, nem financeira e social para a população negra. As pessoas negras foram abandonadas pelo Estado à sua própria sorte, enquanto os senhores brancos eram indenizados pela “perda” dos seus trabalhadores forçados.

Sem nenhuma reforma social, sem apoio para integrarem uma sociedade baseada no trabalho assalariado, sem acesso à educação ou moradia digna, sem poder votar e precisando disputar vagas de trabalho com os imigrantes europeus. A luta do povo negro para o fim da escravidão não encontrou ressonância na sociedade para que eles fossem plenamente integrados. E nunca houve uma reparação oficial a essa população por terem sido escravizados por mais de 300 anos.

O Brasil tem esse histórico, esse legado de descaso com a população negra escravizada, foram muitas as lutas desta população para ter acesso a direitos comuns, como moradia, saúde, educação etc. Até agora não há uma política de reparação que dê conta de ressarcir todas as violações de direitos humanos aos quais essa população foi submetida por todo esse período em que foi escravizada. Duas dessas políticas de reparação e políticas afirmativas são importantes conhecer e apoiar: o combate ao racismo de forma sistemática em todos os âmbitos da sociedade e a política de inclusão de pessoas negras em espaços de educação e cargos públicos por meio das cotas raciais como um meio de mudança social.

O que a sociedade brasileira vive hoje em termos de desigualdade social, injustiça, falta de saneamento básico, violência contra população negra e periférica, criminalização da pobreza e tantas outras questões têm como base o racismo que é uma herança, fruto das consequências do próprio processo de colonização. Por este motivo tem se tornado urgente a atuação e envolvimento de toda a sociedade para que essas questões sejam solucionadas de fato.



A HISTÓRIA ÚNICA



Em sua fala no TEDTalks, a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie falou sobre “**O perigo da história única**”, que é quando achamos que conhecemos uma cultura, um lugar, uma população apenas por ter tido contato com um representante daquele lugar. As pessoas negras, especialmente quando estão em espaços em que não são maioria, são forçadas a representar toda a negritude. O mesmo não acontece com as pessoas brancas. O racismo faz com que os brancos tenham o privilégio de serem vistos como sujeitos e não como representantes de um grupo, de uma raça.

Uma outra questão que aparece com frequência nas relações raciais entre brancos e não brancos (negros, indígenas, amarelos) é o tokenismo. O **Token** pode ser traduzido como um símbolo e o que ele faz é transformar as pessoas não brancas em ícones representativos, invisibilizando a sua identidade e individualidade, estimulando o estereótipo. Um exemplo comum de tokenismo é quando uma pessoa branca é questionada por alguma atitude racista, ela responder que não é racista porque até tem amigos negros. Ter relações de afeto com pessoas não brancas e usá-las como escudo para críticas é tokenismo. O mesmo pode acontecer em instituições, organizações, produtos audiovisuais.

A representatividade é extremamente importante. Ter pessoas não brancas ocupando todos os espaços é essencial para uma sociedade justa. As crianças, homens e mulheres de todas as raças se verem representadas nas revistas, na TV, nos filmes, como diretores de empresas, médicos, enfermeiros, empresários, roteiristas, protagonistas, modelos, músicos, presidentes. O perigo é o uso da imagem da pessoa negra, indígena, amarela, por pessoas brancas, para dar um verniz antirracista para as organizações, mas sem que seja feito um trabalho de formação antirracista antes.

A Chimamanda Ngozi Adichie fala: “É impossível falar sobre a história única sem falar do poder. Há uma palavra, uma palavra malvada, em que penso, sempre que penso na estrutura do poder no mundo. É “nkali”. É um substantivo que se pode traduzir por “ser maior do que outro”. Tal como os nossos mundos econômico e político, as histórias também se definem pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes do poder”.

Por isso, entre as principais atitudes antirracistas que precisamos ter como sociedade é abrir espaços para que homens e mulheres negros(as) ocupem todos os lugares, com poder de contar as suas histórias, de terem a sua individualidade respeitada e não serem silenciados ou estereotipados por serem os “únicos” que estão ali. E precisamos educar toda a sociedade, em especial as pessoas brancas, sobre o que é o antirracismo e a branquitude.

BRANQUITUDE

Ser branco é ocupar uma posição privilegiada no mundo. Uma posição política, econômica, social e simbólica. Desde o nascimento, recai sobre as pessoas brancas a ideia de beleza, de inteligência, de potência. As pessoas brancas se reconhecem no protagonismo da novela, em cargos de liderança, na política, no judiciário. Elas são tidas como competentes a priori. Os espaços sociais (e simbólicos) são feitos por e para a circulação dos brancos.

Isto está tão enraizado na nossa sociedade que pode dar a ilusão - para as pessoas brancas - de que o mundo é assim, naturalmente. Como diz a historiadora e escritora Lilian Schwarz, “Para onde eu olhe, a minha imagem está refletida, posso escolher aonde ir, posso evitar situações desconfortáveis. O privilégio é como uma ilha, que nos impede de construir as ferramentas necessárias para o debate e para desafiar o status quo”.

Por esse motivo é imprescindível discutir o que significa ser branco, porque se não há compreensão do que é a **branquitude**, fica ainda mais difícil entender o que é não ser branco. Reconhecer os privilégios, os espaços de poder que a branquitude ocupa não é uma tarefa sem incômodo. Há uma ideia equivocada de que o racismo é cometido apenas por pessoas más, que declaradamente não gostam de pessoas negras. Afinal, ninguém em sã consciência quer ser racista.

Acontece que o racismo não está apenas nas atitudes de gente má intencionada ou com desvio de caráter. O racismo é estrutural e enquanto não tratarmos como algo intrínseco a nossa sociedade, as pessoas brancas continuarão se protegendo e ficando na defensiva quando alguém apontar o privilégio ou o racismo em suas atitudes.



Mas por que falar sobre raça e racismo incomoda tanto? Em [artigo](#), Denise Carreira, afirma que para a autora estadunidense Robin Diangelo,

“essa fragilidade emocional para abordar o racismo decorre do fato da grande maioria das pessoas brancas crescerem em ambientes segregados do contato com outros grupos raciais e, em especial, protegidos da experiência do estresse gerado pelo racismo, algo perversamente presente ao longo da trajetória de vida de pessoas negras, indígenas e de outros grupos racialmente discriminados. Esse isolamento branco garantiria um ambiente confortável racialmente, com “almofadas protetoras”, acarretando o não desenvolvimento de habilidades emocionais e cognitivas para tolerar o estresse racial, dialogar sobre o racismo e enfrentar o questionamento sobre os privilégios brancos. Dessa forma, a Fragilidade Branca se caracterizaria como um estado em que até mesmo uma quantidade mínima de estresse racial se tornaria intolerável, desencadeando uma série de movimentos defensivos.”

Ter consciência da própria branquitude e estar disposto a falar sobre racismo são os primeiros passos para uma atitude antirracista.



QUAL É O PAPEL DO BRANCO NA LUTA ANTIRRACISTA?

O primeiro e mais importante de todos: se perceber como parte do problema. Identificar o racismo no cotidiano, nas convicções, na visão de mundo, nos projetos de futuro e de sociedade. Perceber que as pessoas brancas foram educadas para não se reconhecerem como pessoas brancas, mas como seres humanos que representam a universalidade humana, o padrão, a norma como lugar de poder.

É preciso olhar para dentro e desconstruir o racismo nas pequenas e grandes atitudes, diariamente. E olhar para fora e desnaturalizar a desigualdade e a injustiça social. Enxergar o mundo com olhos antirracistas: procurar por pessoas negras nos lugares que frequenta; perceber se há representatividade proporcional de pessoas negras na política, judiciário, cultura, escola, clube, prédio. E quando não os encontrar - ou eles estiverem sub-representados ou ocupando apenas cargos subalternos - perceber que isso não é normal.

Se o branco é parte do problema, ele também precisa ser parte da solução. Ao desnaturalizar o racismo estrutural, a próxima atitude é buscar as diferentes possibilidades para que os espaços institucionais, organizacionais, educacionais e de convivência social, se comprometam com a promoção da igualdade racial. Os caminhos são muitos: cotas, incentivo fiscal, bolsas de estudos, políticas públicas etc.

Denise Carreira, no artigo [O Lugar dos Sujeitos Brancos na luta Antirracista](#) afirma:

“é necessário, se expor ao encontro com essas outras e outros, tensionando as fronteiras impostas pela segregação racial e social vigente na sociedade brasileira e reconhecendo que nossa perspectiva é sempre parcial e localizada. Ambientes segregados geram branquitudes acríticas, distorcidas, confortáveis, por isso, entendo ser urgente que seja considerado inadmissível que em uma sociedade democrática que setores de elite criem suas crianças em ambientes exclusivamente brancos ou, quando muito, restritos a uma presença de negras e negros em posições subalternas”.



Saber-se parte do problema e da solução requer uma contínua educação antirracista. É preciso aprender a enxergar o mundo sob outros prismas: ler escritores negros e negras, assistir produção audiovisual dirigida, roteirizada, protagonizada por negros, aprender sobre a potência da negritude e as inovações tecnológicas e científicas produzidas por pessoas negras.

“A chave desse processo não é a de imputar aos brancos a culpa que imobiliza, mas a de estimular a responsabilidade das pessoas brancas com o desenvolvimento de auto reflexões, reflexões coletivas e ações que possibilitem transformações efetivas no enfrentamento do racismo compreendido como sistema que abarca das relações cotidianas às instituições e políticas públicas. Algo que necessariamente deve ser desenvolvido “com” as pessoas negras, com os movimentos sociais negros, indígenas e com outros grupos discriminados, reconhecendo o seu lugar político de protagonistas históricos dessa luta”. Denise Carreira - **O Lugar dos Sujeitos Brancos na luta Antirracista**

Reconhecer que pessoas negras, indígenas e não brancas são protagonistas nas suas lutas, mobilizações e demandas. A posição que os brancos devem ocupar é a de aliados e apoiadores das causas.



COMO CONSTRUIR UMA ESCOLA ANTIRRACISTA?



A escola é, em geral, o primeiro local de socialização que as crianças têm contato. Além da família de origem, a escola é o espaço em que as crianças aprenderão como tratar umas às outras, como se dão as relações sociais, o que é injustiça, o que é racismo, o que é acolhimento.

Nesse sentido, Eliane Cavalleiro na sua obra do silêncio do lar ao silêncio escolar pontua que a ausência sobre a diversidade étnica nos espaços de construção do conhecimento, nos planejamentos e nas práticas educativas, promove o silêncio acerca dessas questões, impedindo a promoção de boas relações étnicas, favorecendo o entendimento da diferença como desigualdade e as pessoas negras como sinônimo de desigual e inferior.

Cavaleiro nesta obra ainda afirma:

“A despreocupação com a questão da convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de questionamento pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas, muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos à sua volta”.

Não é possível pensar em uma educação antirracista se famílias e escola não trabalharem juntas e alinhadas. Precisa haver um tensionamento entre as duas partes para que ambas saiam do lugar comum e se engajem na luta antirracista.

A família precisa atuar na desconstrução, em sua intimidade, do racismo velado. Pensar nas palavras que usa, quais são as referências de beleza, de inteligência e competência que são enaltecidas, quem são as pessoas de seu círculo de convivência, que tipos de brinquedos são oferecidos para as crianças, se há livros escritos por autores negros, se há uma busca intencional de oferecer uma visão de mundo que não seja eurocentrada.

É necessário pensar as posturas racistas, de preconceito e discriminação pelo viés dos valores construídos para convivência social de forma harmoniosa, em que as relações são pautadas pelo respeito mútuo. É importante que as crianças, jovens e adolescentes aprendam na mesma perspectiva em que lhes são ensinados os valores como: não invadir a privacidade do outro e não mexer no que não é seu, tidas como posturas inaceitáveis e inadequadas, o que também não é aceitável quando tratarmos de pessoas que são e pensam diferente, ou que não façam parte do ciclo de convívio familiar.

É na hora do almoço, na conversa antes de dormir, nas pequenas atitudes que as crianças, jovens e adolescentes vão aprendendo quais são os valores e princípios que regem a sua família. Crianças não nascem racistas, mas fazem a leitura e atribuem significado às experiências do universo a qual estão inseridas e durante esse processo elas são sim capazes de reproduzir racismo que aprendem socialmente.

Tornar-se antirracista requer uma ampliação do mundo. É preciso nutrir-se de novas referências, ouvir outras vozes, deslocar-se, questionar, desnaturalizar papéis sociais. É na saída do próprio eu, no encontro com a alteridade, no reconhecimento que todas as pessoas são sujeitos de direito, que se constrói o caminho do antirracismo.

Alguns passos que podem ajudar nessa jornada de uma escola antirracista:

- envolva ativistas, educadores, pessoas envolvidas nos movimentos negros e indígenas: seja contratando para uma consultoria, seja trazendo para ser parte do corpo educacional. Mas é imprescindível que as pessoas negras e indígenas estejam envolvidas no desenvolvimento do projeto antirracista desde o princípio. E que elas sejam ouvidas, pois são as pessoas que mais entendem da questão e podem propor soluções.
- converse antes com a comunidade escolar. Envolve as famílias, funcionários, educadores em conversas sobre branquitude, o que é racismo estrutural, sobre vieses inconscientes. É preciso preparar o espaço escolar para que as pessoas negras e indígenas sejam acolhidas e respeitadas.
- atenção com ações bem intencionadas mas que podem reforçar situações de racismo. Por exemplo: contratar mais funcionários negros, mas todos para cargos de subalternidade, a mensagem que fica é que esse é o lugar que eles ocupam na sociedade. Ou oferecer bolsas de estudos para crianças negras sem o envolvimento das famílias brancas em uma educação antirracista: na prática da vida escolar essa criança pode se sentir isolada, sofrer conflitos permeados pelo racismo, não ser convidada para festas e se sentir sem condições de denunciar o racismo com medo de perder a bolsa.
- garantir que a escola implemente a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (LDB) alterada pela lei 10.639/2003 e 11.645/2008 e atue pelo enfrentamento do racismo e que tal prática passe a integrar o Projeto Político Pedagógico da unidade, o que dará suporte para quaisquer práticas que possam ser desenvolvidas na escola.

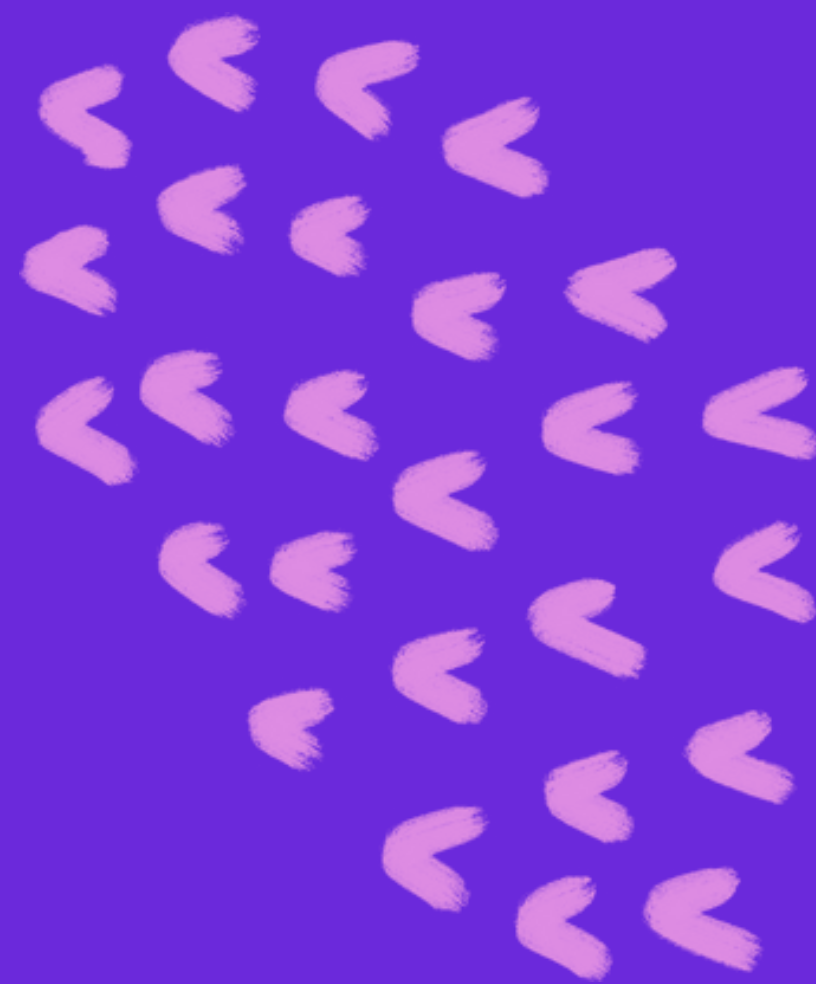


- reforçar a importância que o currículo escolar, baseado na LDB, não seja pautado nas histórias de dor, de escravidão, mas que seja ampliado e usado para ressaltar a potência. Repensar o currículo escolar e trazer uma visão afrocentrada e da cosmologia indígena nos ensinamentos de todas as áreas do conhecimento por meio da interdisciplinaridade.
- mexa nos papéis simbólicos: promova uma convivência comunitária onde todos da escola são educadores independentemente do cargo que ocupam. Crie situações, projetos em que todas as professoras (es), crianças e estudantes atuem no cuidado e na limpeza dos espaços de uso comum da escola. Chamem as pessoas negras que trabalham na escola para uma roda de conversa, com estudantes sobre seus conhecimentos, sobre a sua vida. Ensine as crianças e estudantes a chamar todos pelo nome, valorize cada função desenvolvida na escola como parte de um todo e necessária para manter a harmonia pautada no respeito à diversidade. Promova essas ações de forma pontual inicialmente até que as mesmas sejam naturalizadas e incorporadas no dia a dia da escola para construir de fato uma comunidade educadora
- ofereça materiais (brinquedos, livros, músicas, vídeos, palestras, convidados) que valorizem a cultura e potência negra e indígena.

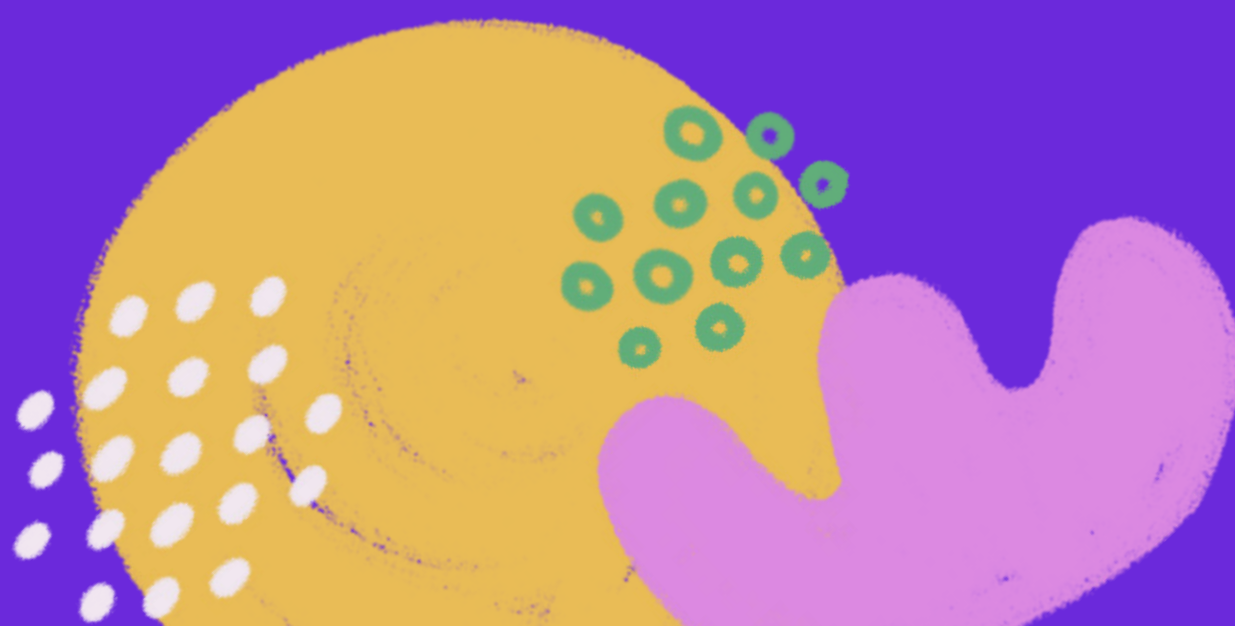
Por fim: não fuja dos conflitos que irão surgir. A educação antirracista é um processo e no caminho surgirão diversos problemas, brigas, discussões. É importante criar um espaço seguro para que isso aconteça e para que as conversas difíceis existam. Nenhuma mudança ou crescimento acontece sem dor. Mas essa é uma luta que vale a pena. Vamos fazer a nossa parte?



LEIA:



- **Racismo Recreativo**, do Adilson Moreira
- **Memórias da Plantação**, da Grada Kilomba
- **Lugar de fala**, da Djamila Ribeiro
- **Do silêncio do Lar ao Silêncio escolar**, Eliane Cavalleiro
- **Racismo e antirracismo na educação**, da Eliane Cavalleiro
- **Pedagogia do Oprimido**, do Paulo Freire
- **Coleção “A cor da cultura”**
- **Tembetá: Conversa com pensadores indígenas**, Idjahure Kadiwéu
- **Quando me descobri negra**, da Bianca Santana
- **Pequeno manual antirracista**, da Djamila Ribeiro
- **Como ser antirracista**, do Ibram X. Kendi
- **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**, do Gabriel Nascimento
- **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**, do Abdias Nascimento
- **Racismo, sexismo e desigualdade racial**, da Sueli Carneiro
- **Racismo Estrutural**, do Silvio Almeida
- **Quarto de Despejo**, de Carolina Maria de Jesus
- **Como o Racismo criou o Brasil**, Jessé Souza



LIVROS PARA LER COM AS CRIANÇAS:

- **O pequeno príncipe preto**, do Rodrigo França
- **Histórias de índio do**, Daniel Munduruku
- **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos**
- **Puratig: o remo sagrado**, do Yaguarê Yamã
- **Contos da Floresta**, do Yaguarê Yamã
- **Falando Tupi**, do Yaguarê Yamã
- **Irakisu: o menino criador**, do Renê Kithãulu
- **Verá, o contador de histórias**, do Olívio Jekupé
- **Coleção: Um dia na Aldeia**, da Ana Carvalho e Rita Carelli
- **Obax**, do André Neves
- **Histórias da Preta**, da Heloísa Pires
- **Histórias Negras Brasileiras em 15 cordéis**, da Jarid Arraes
- **Meu crespo é de rainha**, da Bell Hooks
- **Com qual penteado eu vou?**, da Kiusam de Oliveira
- **Sinto o que Sinto: E a incrível história de Asta e Jaser**, do Lázaro Ramos
- **O Black Power de Akin**, da Kiusam de Oliveira
- **O menino do coração de tambor**, da Nilma Lino Gomes
- **Sulwe**, da Lupita Nyong'O
- **Amor de Cabelo**, do Matthew A. Cherry
- **Omo Obá: histórias de princesas** da Kiusam, de Oliveira
- **Conhecendo os Orixás: de Exu à Oxalá**, da Waldete Tristão

[Unicef - O impacto do racismo na Infância](#)

[Unicef - Por uma infância sem racismo](#)

[Brincadeiras indígenas](#)

[Racismo, Educação Infantil e Desenvolvimento na Primeira Infância](#)

[Mirim - Povos indígenas do Brasil \(ISA\)](#) - por meio de material destinado à pesquisa escolar – no qual temas centrais se desdobram em uma série de questões organizadas pela equipe do ISA – que tem como objetivo apresentar a diversidade de povos, romper com a ideia de “todos os índios são iguais” e despertar o interesse e o respeito das crianças às culturas indígenas existentes no Brasil. Tudo isso escrito em linguagem acessível ao público infanto-juvenil.

[Visibilidade Indígena](#) - é uma rede que tem como propósito amplificar vozes através da divulgação da arte contemporânea, do entretenimento, do cinema e das culturas dos povos indígenas.





ASSISTA:

História da discriminação racial na educação brasileira

- **Silvio Almeida** - Como a discriminação racial se estruturou no Brasil, em particular, no âmbito da educação.



Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida - é uma experiência de articular conhecimentos a partir de perspectivas indígenas, acadêmicas, científicas, tradicionais e de outras espécies. Concebido por Anna Dantes, orientado por Ailton Krenak, produzido por Madeleine Deschamps e realizado por um coletivo que envolve parceiros, apoiadores, participantes e público.



TV Brasil - Índios somos nós - O documentário “Índios Somos Nós” é uma produção da TV Brasil realizada durante a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, na cidade de Palmas. O filme revela a realidade de alguns povos que vivem no Brasil, a partir da perspectiva dos próprios indígenas; o que mudou nas suas culturas e tradições ao longo dos anos; e como essa população pensa os não-indígenas.



TV Brasil - Racismo na Escola

Caminhos da Reportagem apresenta demonstrações de racismo entre os muros da escola. Nas salas da educação infantil à universidade, o programa mostra que a cor da pele ainda é alvo de agressão e desrespeito.

Já parou para pensar que a história dos africanos não é só a escravidão? A lei 10.639 obriga o ensino sobre história e cultura afro-brasileira. Mas a grande maioria dos livros e escolas prioriza a história dos europeus e americanos, deixando à população africana o já conhecido lugar da invisibilidade.




Nação - TVE - Vista minha pele

O filme que propõe uma reflexão sobre o racismo e o preconceito em sala de aula, baseia-se em uma história invertida: uma sociedade onde os negros compõem a classe dominante, enquanto os brancos figuram como ex-escravizados.



Documentário Crianças no Candomblé - O documentário mostra o dia a dia das crianças no Candomblé e a relação delas com o sagrado, educação e valores ancestrais.



Povos indígenas do Brasil - Há muito mais em nós do que apenas uma palavra pode expressar, somos mais de 300 etnias, falamos mais de 270 línguas e somos quase 1 milhão de indígenas espalhados em todo território nacional seja em aldeia ou nas cidades, somos tão diversificados e do mesmo jeito tão únicos, sim somos os Povos indígenas do Brasil!

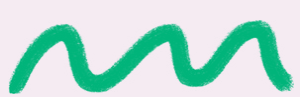


Canal Preto - O Racismo é perigoso na educação das crianças

Benilda Brito, Pedagoga e Mestre em Gestão Social, fala sobre o processo educacional das crianças negras no Brasil, ainda muito marcado pelo racismo estrutural. A pedagoga explica como a discriminação contribui diretamente no processo de aprendizagem destes alunos, tendo como uma das consequências o baixo rendimento escolar.

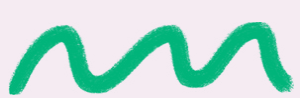


Humor reverso e racismo - Brincadeiras racistas não são brincadeiras.



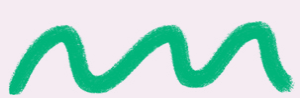
Roda Viva - Emicida

O cantor e poeta Emicida falou ao Roda Viva sobre seu livro infantil, 'Amoras', a importância de interferir positivamente na infância de crianças negras.



Lélia Gonzalez: O Racismo Estrutural - Jaqueline Conceição

Antropóloga e ativista negra, Lélia Gonzalez é um ícone internacional do movimento negro brasileiro. Jaqueline Conceição fala sobre a intelectual e o racismo estrutural que estudava antes mesmo de ser um conceito amplificado.



Entenda o mito da democracia racial - O racismo no Brasil coloca os negros à frente nas estatísticas de desemprego, homicídios, falta de acesso à saúde e à educação. Democracia racial é para quem?



REDE DE IMPACTO:



ANEC



ANISTIA
INTERNACIONAL



CONECTAS
DIREITOS HUMANOS



FUNDAÇÃO MARIA
CECILIA SOUTO
VIDIGAL



FUNDAÇÃO
PITÁGORAS



GELEDÉS - INSTITUTO
DA MULHER PRETA



GIFE



INSTITUO
IBIRAPITANGA



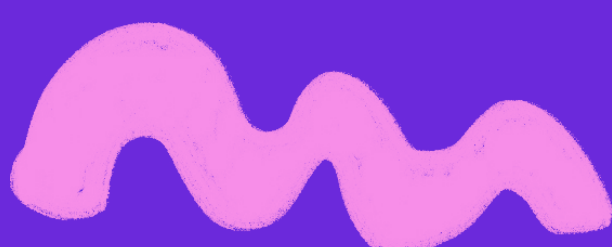
INSTITUTO
UNIBANCO



ITAÚ CULTURAL



MOVER



FONTES:



Conectas - SUR. Edição 28 - Revista internacional de direitos humanos

The Intercept Brasil - “Ver o racismo como um ‘problema dos negros’ é um privilégio dos brancos”, Alessandra Goes Alves

Uol Ecoa - “Se tem um país que é supremacista branco é o Brasil”, Professora Lia Vainer Schucman

Uol Ecoa - “Branquitude antirracista”, Lilia Schwarcz

Conectas - SUR - Revista internacional de direitos humanos
“O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista”, Denise Carreira

Uol Cultura “Qual o papel do branco na luta contra o racismo?”, Professora Lia Vainer Schucman

Instituto Ibirapitanga - “Branquitude Racismo e Antirracismo”

Geledés - “Qual é o papel do branco na luta antirracista?”, Rosana Heringer

Geledés - “Por uma educação antirracista”,
Karen Luise V. B. De S Pinheiro, da carta capital

Geledés - “Apostilas jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras”,
Débora Alfaia da Cunha e Cláudio Lopes de Freitas

Geledés - “Preconceito, racismo e discriminação
no contexto escolar”, Flávia Cunha Lima

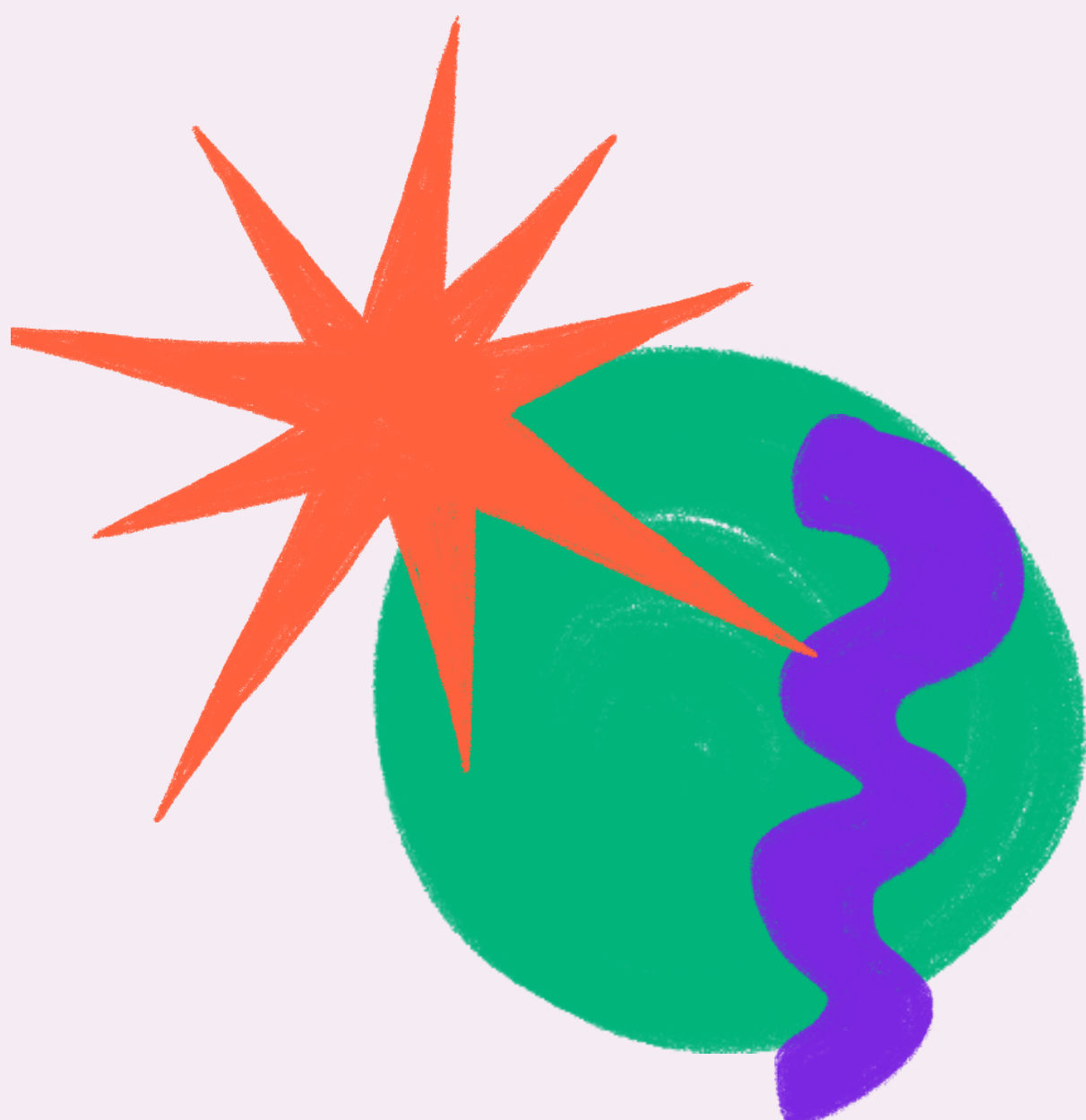
Geledés - “Palavras de Origem Africana usadas em nosso vocabulário”

[Geledés - Plano de Aula: Contos Africanos](#)

[ID_BR apresenta: Jogo do Privilégio Branco](#)

[Alma preta Jornalismo](#)

[Blogueiras Negras](#)





Escrito com apoio de Solange Miranda

por uma >>>>>>>>>
EDUCAÇÃO
/ Antirracista

MATERIAL DE APOIO

